

Secretárias são outra “ameaça”

Além dos motoristas, que são responsáveis pelo transporte dos chefes e outras atribuições que lhes dão considerável acesso à sua vida particular, secretários e secretárias começaram a ser vistos com certa restrição, principalmente quando há algo a esconder. Desde o episódio do empresário PC Farias e suas ligações com a Casa da Dinda, esses profissionais ganharam evidência em nível nacional e transformaram-se em peças-chave às séries de investigações.

Para a presidente do Sindicato dos Secretários e Secretárias do Distrito Federal, Normélia Alves Nogueira, o código de ética da categoria restringe-se à conduta no exercício profissional, como, por exemplo, informações sigilosas, de interesse da empresa ou instituição para a qual trabalhar. “Quando é constatada a irregularidade, a corrup-

ção, existe um dever de cidadão, acima do profissional”, justifica.

Num passado bastante recente da história do Brasil, nomes como o de Rosinete Melanias, Ana Acioli e Sandra Fernandes de Oliveira, autora do livro “Operação Uruguai”, lançado em Brasília em junho deste ano, passaram a ser apontados como exemplos bons e maus da profissão. No caso de Sandra, que teve que enfrentar problemas até conseguir novo emprego, após as revelações que fez, a consciência cívica — segundo Normélia — definiu a decisão de denunciar.

O fato de pessoas terem sido acusadas de irregularidades por profissionais, de acordo com a presidente do sindicato, significa que deve acabar a desonestade no País e não a confiança nos secretários e secretárias, sejam eles de escritórios de empreiteiras, companhias de táxi aéreo ou gabinetes parlamentares.

Com cerca de 600 profissionais filiados, o sindicato estima que hoje em Brasília 15 mil pessoas estejam trabalhando na área.